



EXPERIÊNCIAS SOBRE A INCLUSÃO DE UMA CRIANÇA AUTISTA: EMOÇÕES E EXPRESSÕES

Patrícia da Silva Ribeiro ¹

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de um relato de experiências a partir de um estágio realizado com abordagem na Educação Inclusiva, onde foi desenvolvido um plano de atividades com a temática emoções e expressões em uma turma de ensino fundamental, de escola da rede pública municipal de Juiz de Fora/MG. Direcionei meu olhar, especificamente para a inclusão de pessoa com deficiência, a fim de perceber como é feita tal inclusão, o que se busca com tal processo, se existe realmente e o que é feito para que aquele aluno se sinta pertencente ao ambiente. Notar que atividades serão dispostas a ele, se terão em vista as suas capacidades e habilidades, se ele terá voz e se os objetivos de aprendizagem colocados a ele são compatíveis com o que chamamos de conteúdo que faça sentido à realidade, contexto do aluno.

Tendo passado em minha experiência por três escolas municipais, com alunos com deficiência, para acompanhar a sala e auxiliar no desenvolvimento desses alunos. Nas duas escolas anteriores, a inclusão era sinônimo de negação de existência, não existiam projetos de trabalho, não se moviam em nada por aquele aluno. A maior crueldade é se negar a enxergar o outro como ser humano, a sua existência e as suas capacidades no mundo.

Quando fui recebida pela professora regente da turma, na qual ocorreu o estágio, a mesma se posicionou de uma forma emocionante. Houve uma conversa, onde expôs sobre as potencialidades da criança com autismo que fazia parte da turma, o que conseguia ou não fazer, o que pretendia trabalhar com ela, como trabalhava com ela em estratégias para que fizesse as atividades. Como lidava, para seguir rotina, em emoções, em forma de repreender também.

Foi como um manual de instruções falado, e pela primeira vez, tive a visão que a criança realmente existia no espaço sala de aula e escola, e que a professora se preocupava em inseri-lo, com suas necessidades e carências a serem supridas, mas enxergadas as suas

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora- UFJF, patysilva_19@hotmail.com;



possibilidades de ser. A criança em pauta, a que doravante irei me referir como aluno K., teve o diagnóstico de TEA, leve, apresentando coordenação motora desenvolvida, dificuldades para se relacionar com os demais colegas e não sendo participativo em atividades de grupo.

Durante este estágio, fui participante de uma oficina de atividades pedagógicas para crianças com TEA promovida em evento pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E com o conteúdo absorvido, ressaltou-se a importância de se trabalhar com algo que seja do repertório do aluno com autismo, algo que o atraia. Tomei a iniciativa de questionar aos familiares do aluno, os gostos dele e preferências de hobbies, os mesmos contaram sobre o gosto por videogames. Passada a informação para a professora regente, ela confeccionou materiais do Mário e do Sonic. O que era um incentivo para o começo da construção do conhecimento, e era a troca que oferecíamos em favor de algo mais complexo que ele se negasse a fazer. Era interessante como funcionava, o aluno passou a querer fazer todas as atividades, além das do Mario e as do Sonic. Ele passou a chegar na sala, procurando a pasta com os materiais, indicando até qual queria fazer. Embora, provavelmente começasse por esses preferidos, ele esperava por mais, as demais atividades do dia, logo depois de fazer essas.

A professora também confeccionou uma marionete do Sonic, para utilização no acolhimento do aluno no momento de chegada à escola. E no primeiro dia, ele ficou vidrado no boneco, um encantamento. Funcionou muito bem como suporte e incentivo para a chegada até a sala. Até que, começou a ser só um acessório. O aluno K. passou a ir com as próprias pernas, sem correr e sem se desviar do caminho como no começo. Sem precisar dar a mão, ele criou uma independência.

O aluno K. tinha imensas dificuldades em se relacionar com os colegas e em atividades em grupo. Mas isso também foi se modificando, ele passou a interagir no recreio e a tentar brincar. Foi um crescimento exponencial.

A escolha da temática do plano de atividades se deu, pois, conforme cenas observadas no cotidiano escolar, o aluno em questão, apresentava muita dificuldade de se expressar. Sentia mas não falava, era de poucas palavras, e por necessidade de criar um esquema de comunicação e expressão de vontades, a professora começou a criar cards para a sequência de rotina. Mas, restou a carência de algo que ele pudesse se nortear pra dizer o que sentia diante de situações vivenciadas no dia. Desenvolvi um plano de atividades para trabalhar essa temática, adaptando para que todos participassem conjuntamente permitindo uma inclusão real.

Os objetivos definidos a serem alcançados com o desenvolvimento do plano de atividades foram: ser capaz de identificar emoções por definição do sentir expresso nos



corpos; expressar fisionomicamente emoções e interpretar as do outro; identificar que situação desperta determinada emoção.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

As observações das cenas cotidianas foram registradas em caderno de campo, para possibilitar a construção de um relatório de experiências ao fim do estágio. E de forma que, o material coletado servi-se de base para o surgimento da temática do plano de atividades. Os materiais didáticos utilizados no desenvolvimento das atividades foram: Livro “Tenho Monstros na Barriga” de Tonia Casarin; Quadro; Celular com câmera fotográfica ; Notebook; Datashow ; Impressos das fotos.

A história do livro “Tem Monstros na minha barriga” foi escolhida em vista de introduzir o tema para as crianças. Foi realizada uma leitura em roda dentro da sala, afastadas todas as carteiras, identificando juntos os monstros das emoções : a Alegria, a Tristeza, a Raiva, o Medo, a Coragem, o Orgulho, o Ciúme e a Curiosidade . Finalizada a leitura, passei as instruções sobre as atividades que faríamos com base nos monstros e as emoções. A primeira atividade seria realizada individualmente, cada um faria a expressão (a cara) das emoções dos monstros. Na segunda atividade, seriam exibidas as fotos com o projetor na parede da sala, para tentarmos saber/descobrir qual expressão o colega da foto havia feito. Curiosamente, uma das crianças questionou se não havia o monstrosinho do amor! Foram tiradas fotos de todas as crianças, e o aluno K. logo que pedida a cara de alegria, deu um sorriso. As outras duas emoções pedidas, do medo e da tristeza, foram produzidas por mim e ele reproduziu. Quando fiz a cara de tristeza, ele veio com a mão no meu rosto para fazer carinho e disse um: não, não.

Selecionei algumas fotos, pois, foram muitas as que eles quiseram fazer e exibi de uma a duas fotos por aluno com o datashow. Foi uma bagunça gostosa, eles se divertiram, foram identificando as emoções, algumas geravam dúvidas e o aluno K. interagiu com todo mundo e ia até a frente da imagem pra dizer que emoção estava sendo representada. Quando ele se viu projetado, vibrou e reproduziu a expressão da imagem. Por fim, como atividade final, foram distribuídas para cada aluno folhas com fotos selecionadas impressas juntamente com um espaço na frente para que pudessem escrever as emoções que estavam representadas nas fotos. E ao aluno K. foi proposto que colocasse emojis expressivos no lugar da escrita.



REFERENCIAL TEÓRICO

Foi tomada como base teórica a Teoria da Mente, que é definida como habilidade de atribuir estados mentais ao outro. Que pode ser entendida com um processo de duas fases, a decodificação e dedução dos estados mentais. A decodificação se refere à capacidade de identificar estados mentais com base em informações observáveis como expressões, gestos ou tom de voz. Já a dedução envolve usar a informação decodificação para entender e prever o comportamento do outro. Explorei com as atividades, principalmente, a primeira fase, através das expressões produzidas e exibidas por todos os alunos. Uma das características mais marcantes do TEA é o déficit de desenvolvimento da Teoria da Mente, e o que o aluno K. demonstrou em suas interações com os colegas, foi a chamada cegueira mental, termo utilizado para descrever a dificuldade de atribuir estados mentais a outras pessoas. Dado o nosso contexto atual, em que muitas vezes não paramos para perceber o outro, foi um exercício coletivo do olhar ao próximo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A avaliação foi de caráter qualitativo, realizada mediante a observação de reconhecimento das emoções durante a última atividade, com a escrita da emoção diante de uma foto representativa. E o progresso da criança com autismo, foi notável, através das experiências vivenciadas e acompanhadas diariamente. Com o final do semestre, o aluno K. com o suporte das atividades desenvolvidas para ele, que sempre acompanhavam o conteúdo trabalhado com a turma toda, era capaz de contar até 10 sozinho, escrever o próprio nome e reconhecer as letras do alfabeto. Um crescimento que foi possível pela prática pedagógica da professora se amparar e considerar as habilidades e potencialidades desse aluno, enxergando sempre as possibilidades de construir o seu conhecimento dentro do seu universo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aprendizado gerado durante essa experiência de estágio foi imenso, e levou à reflexão de que mesmo desvalorizada a profissão, com pouquíssimos recursos e incentivos governamentais, existem profissionais com imensa paixão pelo que fazem e que sacrificam o pouco que têm para produzir material diferenciado para seus alunos. Em busca não de reconhecimento por isso, mas priorizando e buscando uma real qualidade de educação e indo



além, de vivências. Que é necessária a reflexão e o cuidado em desenvolver o aluno como ser capaz e habilidoso de inúmeras formas, em diversidade e em suas individualidades. E que embora, os desafios à prática sejam muitos, existe a possibilidade de trabalho com uma real inclusão, não de segregação. A minha experiência foi enriquecida pelo contato com uma docente dedicada, esforçada e ‘sangue nos oi’ como dizem no Nordeste. Além do exercício de percepção, de que nunca estamos preparados para nada totalmente, a nossa sala de aula é como a vida, uma caixinha de Pandora e não se sabe o que esperar, a diferença é como nos posicionamos diante dos desafios e a disposição de criarmos estratégias de possibilidade e viabilização para cumprir a missão que assumimos como educadores : Educar a todxs!

Palavras-chave: Educação inclusiva, Autismo, Prática Docente, Experiências, Emoções.

REFERÊNCIAS

BORGES, A. A. P. NOGUEIRA, M. L. M. **O aluno com Autismo** – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018. pp.111-136.